

Crimes Delicados

Crimes Delicados é a histeria de uma época, define Bárbara Bruno Goulart, que integra o elenco. Neste mundo muito louco, o prazer de matar faz de Crimes Delicados um espetáculo surrealista. A loucura lúcida dos Abujamra – Antônio e André – nos faz acreditar cada vez mais na modernidade, na renovação, na criatividade. "É uma história sem história/ É um casal como tantos/ É uma empregada como tantas/ É uma história sem pé nem cabeça/ mas cheia de pernas e braços.../ de peixes, de gato, de cachorro.../ de luvas, cordinha de nylon, de revólver.../ de modismo, de ódio, de paixão, de vontade, de tara.../ de loucura!" (Bárbara Bruno Goulart).

Autor: José Antônio de Souza / **Direção e luz:** Antônio Abujamra
Elenco: Nicette Bruno, Paulo Goulart, Bárbara Bruno Goulart
Música: André Abujamra

Guairinha – Rua XV de Novembro, s/nº – Centro
Dia 17 – 21h30 / Dia 18 – 20h

Apocalipse 1,11

João está à procura da Nova Jerusalém, cidade mítica da felicidade eterna, reino dos eleitos. Ele recebe a visita de um anjo poderoso, que lhe anuncia o fim dos tempos e o convoca como testemunha. Por força dessa anunciação, João passa a observar o que ocorre à sua volta. Os caminhos que ele percorre, no entanto, não o levam à cidade mítica de suas fantasias bíblicas, mas à cidade real e degradada da virada do milênio, com seus tipos nem completamente demoníacos nem completamente angelicais. João acompanha o julgamento dessa humanidade aflita para encontrar a paz não no cenário celestial proposto por sua fé, mas aqui e agora, na própria existência de seu testemunho. Desde sua criação, o Teatro da Vertigem foi encontrando em seu percurso alguns elementos característicos: a construção do espetáculo como base no depoimento dos seus criadores, a exploração de espaços não convencionais e uma pesquisa sobre os processos de interferência na percepção do espectador. É um teatro que procura confrontar o homem contemporâneo com a sua dimensão espiritual. Pelo tipo de experiências que suas criações provocam, as produções do Teatro da Vertigem ocupam um lugar forte no imaginário das pessoas. No espetáculo Apocalipse 1,11, que encerra a trilogia bíblica, Antônio Araújo usa como espaço da encenação um presídio. O tema da peça, a punição, não teria local melhor para ser levado a efeito do que um presídio, lugar onde estão segregadas pessoas punidas por algum crime cometido. É nesse ambiente de desolação que o personagem João e todos os demais percorrem o caminho dos pecados e do julgamento. A linguagem do texto é contemporânea, as aflições são atuais, o espaço é urbano, a miséria humana é a mesma de nossos dias.

Criação: Teatro da Vertigem / **Dramaturgia:** Fernando Bonassi / **Iluminação:** Guilherme Bonfanti
Figurino: Fábio Namatame / **Sonoplastia e direção musical:** Laércio Resende
Cenografia: Marcos Pedroso / **Dramaturgismo:** Lucienne Guedes
Assistência de direção: Marcos Bulhões / **Produção:** Fernanda Signorini
Concepção e direção geral: Antônio Araújo / **Elenco:** Joelson Medeiros, Kleber Vallim, Luciana Schwinden, Luis Miranda, Mariana Lima, Miriam Rinaldi, Roberto Audio, Sérgio Siviero, Vanderlei Bernardino

Pentecostária Estadual em Piracuruá
Dia 22 – 21h30 / Dias 23, 24 e 25 – 20h

Vozes Dissonantes

Vozes Dissonantes está inserida na Série Solos de Teatro, que colocará em foco, durante o ano, a produção teatral de vários artistas que desenvolvem trabalho-solo, com o propósito de investigar os processos cênicos criativos praticados por eles. O espetáculo-solo – um único ator em cena através de seu corpo, sua voz, sua inteligência e sua sensibilidade – evidenciará todo o potencial criador do artista, colocando-se como elemento fundamental para que o ato teatral se realize.

Este evento surge como resposta à busca de uma proposta clara de atuação no campo do teatro que possa estar em sintonia com as discussões mais urgentes para essa área em nosso tempo. A série Solos de Teatro SESC Ipiranga proporcionou ao público paulista olhar para esse estilo dramático com mais discernimento de suas características e avaliação de suas diversidades.

Direção, trilha sonora e interpretação: Denise Stoklos / **Espaço cenográfico e fotografia:** Thaís Stoklos Kignel / **Iluminação:** Maneco Quinderê / **Voz e orientação de pesquisa e de bibliografia:** Lauro Moreira / **Som:** R4 – Glauco e Marinaldo / **Operador de luz:** Paulo José Ribeiro / **Produção cultural:** Fernanda Signorini / **Produção:** Equipe Sesc Ipiranga

Guairão – Praça Santos Andrade – Centro
Dia 22 – 21h30 / Dia 23 – 20h



9º Festival de Teatro de Curitiba é o grande cartaz deste mês em Curitiba. Casas de espetáculos, ruas, praças, bosques e espaços alternativos abrem espaço para 70 espetáculos.

Serão exatas 320 apresentações em 11 dias. Um tempo em que a cidade se transforma num grande palco por onde estarão desfilando, lado a lado, clássicos da dramaturgia universal e brasileira, ousados experimentos, deliciosas fábulas é um engajado teatro, o dos incluídos, que tem as minorias na trama central.

Emoção ao vivo, latente, pronta a contagiar platéias de todas as idades, de todos os credos, de todas as etnias. Vem aí a encantadora graça do ser que busca o fio do tempo, os andarilhos, alguns delicados crimes de uma época – a atual – sentimentos à flor da pele ecoando em coros e camarins; histórias de coragem, como a que mudou para sempre a prática psiquiátrica no país; histórias de sonhos, lendas e luas e a história de uma república que já foi império e colônia, contada no picadeiro.

Vem mais por aí. Vem vozes dissonantes espraiando-se no palco e na alma; vem a vida revisitada num replay, vêm anjos duros, fortes e belos, demônios exorcizados, a sempre impagável bonitinha mas ordinária. Este é um tempo de histórias de ciganos e de reis, de profetas do apocalipse e de meninos de rua, de imperadores e de visionários. Um tempo que tem, como atração internacional, a reunião, numa mesma produção dos povos da Croácia, da Eslovênia e da Macedônia.

Curitiba se prepara. Por aqui, por esses dias, circula a emoção do teatro – e com ele a poesia, a literatura, a música. Por aqui, por esses dias, circula a vida que transborda dos palcos e das ruas e que é a grande marca da qualidade deste imenso festival.



Coro e Camarim

Uma Tragédia Rave

Manequins que ganham vida, atores que representam manequins. A atriz principal que entra em pânico ao perceber que não consegue chegar ao palco, que a peça já começou. Substituída no palco, só lhe resta o camarim, onde ela revira móveis, quase quebra espelhos, enlouquece, faz rezas de ódio contra aquela que está no palco. É a tragédia rave transparecendo no coro de manequins e atores, no pânico da atriz principal que não chega ao palco.

Concepção, direção e trilha sonora:

Gerald Thomas / Iluminação:

Gerald Thomas e Caetano Vilela

Figurinos: Gilda Barbosa

Engenheiro de Som: Marco Aurélio

Direção de Produção: Beth Acioly

Produção Executiva: Jô Abdu

Assistente de Direção: Ivan

Sugahara / Elenco: Cia. de Ópera

Seca – Arieta Corrêa, Camila

Morgado, Fabiana

Guglielmetti, Ludmila Rosa, Muriel

Matalon, Ana Elisa Paz, Arnadeu

Lamonnier, Bruce Gomlevsky,

Caetano Vilela, Fabio Mendes,

Marcelo Bosschar,

Marcos Azevedo, Dominic Barter

Replay

O texto desenvolve a temática do processo de reavaliação da vida de um homem de 50 anos de idade, remetendo suas lembranças aos momentos mais significativos de sua adolescência. Recordando situações engraçadas e dramáticas, o protagonista vai saindo do seu estado inicial de depressão e cria uma energia de boas recordações que vão causar uma mudança significativa no seu modo de pensar e agir. Voltando-se para o jovem que ele era e para as lembranças de seus complicados relacionamentos e de seus melhores amigos, o protagonista vai descobrindo o que realmente perdeu com o passar do tempo: originalidade e inquietude. No final há um encontro entre o jovem e o homem que ele se tornou. O jovem o convence a ter mais afincado e mais amor pela vida, estabelecendo-se um processo de auto-avaliação que culminará na definição do homem ideal: o homem com mais de 50 anos.

Elenco: Raul Gazolla, Cláudio Fontana, Vera Zimmermann, Matheus Carriêri, Fernando Neves, Leopoldo Pacheco, Marcello Boffa, Maria do Carmo Soares

Autor: Max Miller / **Direção:** Gabriel Villela / **Assistente de direção:** Lígia Pereira, Marcelo Andrade / **Cenografia:** Gabriel Villela e Leopoldo Pacheco

Preparação corporal: Maria Thais / **Preparação vocal:** Maria Amália Moraes (Babaya) / **Música original:** Milton Magalhães e Max Miller

Direção musical, arranjos e trilha incidental: Eduardo Queiróz / **Projeto de áudio:** André Gerassati / **Figurinos:** Gabriel Villela e Leopoldo Pacheco

Iluminação: Domingos Quintiliano / **Cenotécnico:** Mário Márcio Bandarra

Costureira: Dona Cleide / **Maquiagem:** Leopoldo Pacheco

Técnico de luz: André Germano Boll / **Técnico de som:** André Luiz Omote

Vídeo: Jorge Delgado (diretor) / 3VT Produtores Associados

Fotos: Vânia Toledo / **Projeto gráfico programa:** Rafael Aires, Pós-Imagem Design / **Direção executiva:** Tânia Miller / **Direção de produção:** Neylor Toscan

Produtora executiva: Bel Gomes / **Produção:** Heraldo Palmeira

A Flauta Mágica

A peça começa quando o pequeno Mozart, no meio de uma criação musical, é interrompido pelos pais e obrigado a ir dormir. Sonhando, o "pequeno gênio" dá asas à sua imaginação, criando um universo de contos de fadas.

Tamino, o herói, está sendo perseguido por um dragão quando é salvo por três damas da Rainha da Noite. Essas damas lhe entregam um retrato da princesa Pamina, que é prisioneira do Sacerdote do Sol. Tamino se apaixona perdidamente pelo retrato, e é eleito pela rainha e suas damas para resgatá-la.

Logo, aparece para ajudá-lo Papageno, que consegue salvar a princesa e descobrir que o Sacerdote do Sol é pai da garota, e que sua mãe, a rainha, não é tão boazinha quanto parece. Mesmo assim, o herói precisa passar por duras provas no Templo do Sol para conquistar o amor da princesa e tornar-se "gente grande".

Em vez de armas, Tamino e Papageno recebem uma flauta dourada e um instrumento feito de sininhos. A flauta dourada de Tamino representa o poder da música de tornar o mundo melhor.

Texto: Celso Lemos e Antônio Monteiro Guimarães / **Direção:** Daniel Herz e Susanna Kruger

Cenário e figurino: Ronald Teixeira / **Iluminação:** Aurélio de Simoni / **Gesto e movimento:** Marina Salomon / **Trilha sonora:** Susanna Kruger / **Assistência psicanalítica:** Evelyn Disitzer

Programação visual: Isio Ghelman / **Divulgação:** Verônica Reis / **Fotos:** Gabriela Gusmão

Direção de produção: Susanna Kruger / **Produção e realização:** Cia. de Teatro Atores de Laura

Elenco: Adriana Schneider (Papaguena), Anderson Mello (Sacerdote), Cristiano Gualda (Tamino), Daniel Herz (Papageno), Dora Ghelman (Papagueninha), Georgiana Goes (Pamina), Gilberto Behar (Sacerdote), Helena Stewart (Mozart), Isio Ghelman (Pai de Mozart, Sarastro), Leonardo Iglesias (Sacerdote), Maira Graber (Dama da Noite), Márcia Cerqueira (Dama da Noite), Márcia Frederico (Mãe de Mozart, Rainha da Noite), Patrícia Carvalho (Dama da Noite), Paulo Hamilton (Monóstatos), Tiago

Queiroz Herz (Papagueninho)



Guairinha – Rua XV de Novembro, s/nº – Centro
Dia 20 – 21h30 / Dia 21 – 20h

Guairão – Praça Santos Andrade – Centro
Dia 25 – 21h30 / Dia 26 – 20h

Teatro do Sesc da Esquina – Rua Visconde do Rio Branco, 969 – Centro
Dia 21 – 19h / Dia 22 – 19h

Uma Baleia Perto da Lua

Uma Baleia Perto da Lua é o território livre que as crianças constroem em suas brincadeiras para separar-se do mundo racional dos adultos e experimentar o proibido.

Concebido por Charles Welles como uma minitragédia, o espetáculo conta a história dos habitantes de uma cidade imaginária a partir do olhar de suas crianças. A peça expõe problemas contundentes presentes em qualquer parte do planeta – o sexo, a violência, as drogas, a loucura e a fome que escorregam pelo tobogã deste fim de milênio.

Autor: Lino Rojas / **Direção:** Lino Rojas
Elenco: Adriano Mauriz, Fabrícia Ourives, Daniela Bozzo, Jacinho Camarotto, Juliana Kaufman, Kátia Alexandre, Marcelo Palmares, Marcos Kaju, Marília Gabriela, Paulo Carvalho e Cristina Yamamoto



Galpão – Mostra Teatro dos Incluídos
Dia 25 – 21h30 / Dia 26 – 20h30

Além da Lenda

Além da Lenda é um espetáculo que mostra um interrogatório imaginário em que um cigano busca sua identidade cultural como minoria étnica, tendo como pano de fundo a falta de participação na história oficial do país e do mundo. As perseguições da Igreja, o holocausto, e a contribuição dos ciganos nas artes são temas claros na peça, que mostra o cigano autêntico com seus costumes, suas danças, seus trajes e suas músicas, sem estereótipos ou caricaturas.

Texto: Neiva Camargo e Claudio Iovanovitch
Direção: Neiva Camargo / **Cenários:** Neiva Camargo / **Figurinos:** Sveta Iovanovitch
Sonoplastia (criação): Carla Andréa Santos
Elenco: Sílvio Almeida, Patrícia Casquilha, Julliane Alves, Maria Tereza Berger, Neiva Camargo, Tatiane Iovanovitch

Galpão – Mostra Teatro dos Incluídos
Dia 20 – 21h30 / Dia 21 – 20h

Anjo Duro

A peça aproxima as trajetórias e as idéias de duas figuras femininas singulares em nosso panorama cultural: a Dra. Nise da Silveira e a atriz Berta Zemel. A união dessas duas experiências é a base que o diretor Luiz Valcazaras usou para encenar esse espetáculo que leva o pensamento da Dra. Nise até as platéias de teatro, hoje mais do que nunca ávidas por uma cena que seja antes reflexão articulada de forma artística que mera reprodução de outras formas de diversão.

A Dra. Nise dedicou sua vida à compreensão do ser humano. Psiquiatra alagoana, Nise da Silveira faleceu aos 94 anos de idade. Foi um exemplo de coragem desde que quebrou os padrões da psiquiatria, como o uso do eletrochoque e dos medicamentos sem limites para esquizofrênicos, métodos que a Dra. Nise substituiu por afeto e arte. Todos, dizia, são seres humanos que merecem o maior respeito.

Berta Zemel destacou-se, já na década de 60, como uma das nossas atrizes mais talentosas e sérias. No teatro e na televisão, encenou uma galeria de personagens que tiveram o raro privilégio de serem reconhecidas tanto pela crítica quanto pelo público. Dona de um currículo excepcional, além do sucesso como Vitória Bonelli, novela da extinta Rede Tupi, Berta Zemel acumula diversos prêmios. Sua volta ao palco, em Anjo Duro, é mais que um desafio – mostrar ao mesmo tempo a obra de uma grande mulher e acreditar no talento de um jovem diretor, Luiz Valcazaras.

Direção e texto: Luiz Valcazaras / **Elenco:** Berta Zemel / **Assistência de direção:** Eloísa Cichowicz Fernandes / **Iluminação, cenário, trilha sonora:** Luiz Valcazaras / **Figurinista:** Ivany Grain
Direção de produção: Aline Grain de Carvalho / **Produção:** Rodrigo Equi / **Empresa produtora:** Ópera Produções Artísticas Ltda.

Teatro do Paiol – Praça Guido Viaro – Prado Velho
Dia 19 – 21h30 / Dia 20 – 20h





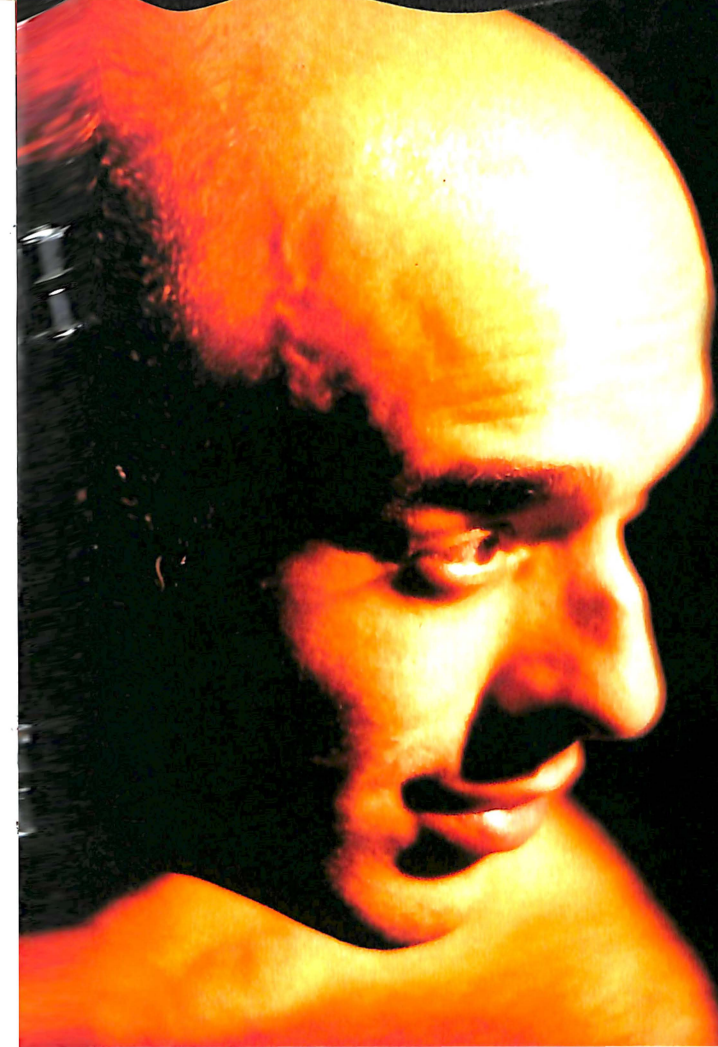
Bonitinha mas Ordinária

Bonitinha mas Ordinária foi um dos maiores sucessos e escândalos de Nelson Rodrigues quando de sua estréia em 1962, no Teatro Maison de France, no Rio de Janeiro. A trajetória de Edgar, um dos poucos verdadeiros heróis da dramaturgia do Bruxo da Aldeia Campista, é uma verdadeira descida de Orfeu aos infernos, onde ele sofre todas as formas de tentação e desafio. Baqueia, duvida, quase cai, para no final sair limpo de toda aquela sujeira que viveu. Em torno dele, uma sociedade corrupta e corrompida, na verdade uma versão rodrigueana da Dolce Vita felliniana que, dois anos antes, tanto havia escandalizado a tradicional família, quer brasileira quer estrangeira.

Dessa sociedade, dois ícones da perversão e do deboche: o "magnata" Dr. Werneck e seu genro, Dr. Peixoto, são elementos significativos de um painel em que as figuras polares de Ritinha e Maria Cecília (entre elas, o coração de Edgar balança), ambas não sendo aquilo que ambigualmente aparentam ser, surgem fortes. É a tragédia da paixão, do desejo, do sexo, do dinheiro e da corrupção, uma tragédia visceral que Edgar vive e da qual acaba sobrevivendo com a integridade prevalecendo.

Autor: Nelson Rodrigues / **Encenação:** Moacyr Goés / **Cenografia:** José Dias
Iluminação: Maneco Quinderé / **Figurinos:** Luciana Maia / **Trilha sonora:** Marcos Ribas
de Faria / **Programação visual:** Sonia Barreto / **Direção de produção:** Moacyr Goés
Assessoria de imprensa: BCM – Barata Comunicação e Marketing / **Fotografia:** R. Faissal
Coreografia do twist: Jaime Aróxa / **Produção executiva:** Denise Escudero / **Assistência
de direção:** Deborah Bapt / **Cenotécnico:** Humberto Silva e equipe / **Costureiras:** Fátima
Félix e Lurdinha / **Administração financeira:** Marco Figueiredo / **Assistente de produção
e contra-regra:** Laércio Lima / **Operador de luz:** Fábio Souza / **Operador de som:**
Branco / **Camareira:** Cecília Vianna / **Elenco:** Oswaldo Loureiro, André Valli, Leon Góes,
Helena Ranaldi, Natália Lage, Thelma Reston, Amélia Bittencourt, Flávia Guimarães, Luiz
Carlos Buruca, Jaqueline Sperandio, Sebastião Lemos, Carla Andréa, Antonella Batista,
Fernanda Boechat, Rafaela Mandelli, Gustavo Louchard, Ronaldo
Silva, Christiano Nascimento / **Participação especial:** Roberto Frota

Guairinha – Rua XV de Novembro, s/nº
Dia 25 – 21h30 / Dia 26 – 20h



Henrique IV

A peça começa com três cavaleiros recepcionando um quarto cavaleiro que deve integrar-se ao serviço do palácio de Henrique IV. Mas, na verdade, tudo não passa de uma simulação que dura quinze anos. O protagonista de Pirandello crê-se Henrique IV desde que, numa festa à fantasia, caiu de seu cavalo. Sua irmã tenta criar à sua volta o mundo em que ele julga viver.

Ao morrer, a irmã faz um último pedido ao seu fiel criado, Giovanni, para que mantenha a farsa e traga um médico. Este chega acompanhado de Matilde, que foi a paixão de juventude de Henrique IV, de Belcredi e da jovem Frida, filha de Matilde. Henrique IV fica efetivamente perturbado ao vê-los, todos com figurinos medievais e encarnando personagens da história do conflito de Henrique com o papa Gregório VII.

Na verdade, o médico resolve aplicar um tratamento de choque e fazer Henrique confrontar-se simultaneamente com o passado e com o presente, recorrendo à extrema semelhança entre Matilde e sua filha. Frida deveria usar a mesma fantasia que sua mãe usou no dia da masturada fatídica e chamar por Henrique que, ao mesmo tempo, veria aparecer a verdadeira Matilde, quinze anos mais velha.

Entretanto, Henrique acaba de revelar a seus cavaleiros que há doze anos "acordou" de seu delírio e a voz "fantasmática" de Frida quase o deixa novamente louco. Durante a discussão que se segue com o doutor, com Matilde e com Belcredi, Henrique exaspera-se e acaba por matar o amante da mulher por quem continua apaixonado. Depois disso, só lhe resta novamente mergulhar, dessa vez voluntariamente, na vida fictícia que mantém há 15 anos.

Direção: Yara de Novaes / **Elenco:** Jorge Emil, Ana Prado, Nivaldo Pedrosa, Cristina Villaça, Ernane Maletta, Gabriel Fontes Paiva, Gustavo Werneck, Henrique Carsalade, Marcelo Campos e Jefferson da Fonseca
Cenários e figurinos: Daniela Thomas e André Cortez / **Assistência de direção e preparação corporal:**
Ernani Maletta / **Trilha sonora:** Rafael Conde / **Preparação corporal:** Mônica Medeiros
Consultoria técnica e dramaturgica: Aimara da Cunha Resende

Teatro da Reitoria – Rua XV de Novembro, 1.299 – Centro
Dia 20 – 21h30 / Dia 21 – 20h

A Máquina

Happy End

Dédalus

a

Cia. Ueinz nasceu em 1997, no Instituto A Casa Para o Desenvolvimento da Saúde Mental e Psicossocial (SP), quando os diretores Sergio Penna e Renato Cohen foram convidados pela instituição para coordenar uma atividade de teatro com vinte pacientes.





Kronos

Um bufão bem-humorado e irreverente decide narrar a história do tempo no mundo. Usando a mitologia como fio condutor, o bufo traz à cena Kronos, Zeus, Réia e outros mitos, suprimindo as distâncias de tempo, confundindo épocas e mundos num grande caos, onde só o presente eterno existe. Com o objetivo de resgatar o tempo e restaurar a organização do universo, inicia-se uma busca aos ponteiros perdidos do relógio, passando por diferentes continentes e épocas da história, pelo céu e pelo inferno, por planetas distantes, mundos subaquáticos, pirofágicos e futuristas.

Criação e interpretação: Intrépida Trupe / **Direção:** Beth Martins, Cláudio Baltar e Vanda Jacques / **Figurinos:** Valéria Martins
Iluminação: Jarbas Goudard / **Direção musical:** Fernando Neder
Direção de produção: Valéria Martins / **Coreografias:** Beth Martins, Cláudio Baltar, Guto Macedo e Vanda Jacques / **Supervisão coreográfica no trapézio entre tecidos:** Dani Lima / **Ensaíadora e preparadora de tecidos:** Raquel Karro / **Participam da trilha sonora:** Beth Martins, Felipe Rocha, Lucas Marcler, Milar Subotic e Steven Harper
Músicos em estúdio: Bruce Henry (contrabaixo), Forró e China (percussão), Marcos Suzano (pandeiro), Lui Coimbra (rabeça e produção musical) / **Percussionistas ao vivo:** Forró e Robson / **Textos e letras das músicas:** Fernando Neder / **Poema "Malabárbaro Elemento":** Chacal / **Fotógrafo:** Celso Pereira
Projeto gráfico: Brígida Baltar / **Digitalização de imagem:** Flávio Mário / **Concepção do livreto cordel:** Felipe Sussekind e Luisa Buarque / **Confeção de aparelhos circenses e montagem:** José Maranhão / **Confeção de figurinos:** Flávio Mothé / **Assistentes de produção:** Cida de Souza e Leticia Jacques / **Assessoria de imprensa:** Pangéia Comunicação / **Elenco:** Beth Martins, Bóris Caetano, Caio Guimarães, Carmen Rua, Cláudia Lecron, Cláudio Baltar, Cláudio Parente, Cristina Moura, Fábio Queirolo, Fernando Neder, Guto Macedo, Juliana Porteous, Leonardo Senna, Luisa Buarque, Nina Harper, Omri Breda, Pedro Filgueiras, Rafael Senna, Raquel Karro e Vanda Jacques

FOLHA
Não dá pra não ler.

Master
comunicação

UOL

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA
MINISTÉRIO
DA CULTURA

NET

www.vistawork.com.br
VISYWORK
e business system

multi
show
SHOW GROUP

MESSIAS
Brasão
1911
1911

FUNDAÇÃO
CULTURAL DE CURITIBA

TEATRO
GUAIRA

SESC
DA ESQUINA
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 909

O Picadeiro
da História

Andarilhos
do Repente

Ricardo III



Mingau de Concreto

Mingau de Concreto é o resultado genuíno do contato cotidiano entre os membros do Pombas Urbanas e o espaço poluído, ruidoso e imundo das ruas do centro de São Paulo, cidade de origem do grupo. Em cena, facilmente se reconhecem os personagens desse submundo, que não deixa de ser fértil e colorido: um mingau de estilhaços da vida urbana, em seu esplendor e decadência.

Ocupando um espaço aberto (calçadão, parque, praça, saguão), os atores chegam como pessoas comuns e aí mesmo iniciam a composição dos seus personagens, construídos a partir de figuras típicas do universo do centro de São Paulo: bêbados, malandros, travestis, migrantes, meninos de rua, grã-finos decadentes, autoridades, religiosos e também a gente comum que por aí tem de transitar. Familiarizados com a linguagem dos artistas de rua, a quem o espetáculo homenageia na sua forma, o público compõe-se em círculo, formando a famosa roda de curiosos, que aos poucos vai reconhecendo a realidade de que trata a peça, divertindo-se com ela, mesmo quando em cena estão as tragédias mal percebidas do cotidiano. Este picadeiro abstrato chega a reunir em torno de mil pessoas durante sua hora e meia de apresentação, gente que interrompe os seus passos apressados para assistir ao espetáculo. Embora construído sob o prisma do epicentro paulistano, Mingau de Concreto encanta platéias de todas as cidades.

Autores: Lino Rojas e Pombas Urbanas

Direção: Lino Rojas / **Elenco:** Adriano Mauriz, Julliana Kaufman, Kátia Alexandre, Lino Rojas, Marcelo Palmares, Daniela Bozzo e Paulo Carvalho Jr.



Praça Tiradentes – Centro
Dia 23 – 16h

Auto das Águas

Dois mulheres. Uma barca. Duas mulheres à deriva. Seu passatempo preferido: pescar. Pescam cartas enviadas e nunca recebidas. Cartas que se perderam, como elas. No mais, inventam o cotidiano, afastadas que estão da sua vida comum. Em algum momento devem chegar ao lugar onde serão sacrificadas. Querem chegar para a morte como quem chega a uma festa. Imaginam sua chegada, ensaiam, lamentam não ter podido escolher suas melhores roupas, seus melhores sapatos. Entoam uma canção que lhes fora ensinada na infância, nos tempos em que pisavam em terra firme e onde a morte era uma dança de amor.

Por amor, arrancavam os olhos, raspavam os cabelos, tatuavam na pele figuras horripilantes, não comiam por dias, por meses e até por anos. O sacrifício era só um modo de provar o quanto se amava. O espetáculo Auto das Águas pretende fazer rir e comover, mostrando ao público uma situação absurda e verdadeira e personagens que tanto mais estranhos parecem mais próximos se tornam, pois ao se mostrarem ridículos se revelam humanos.

Direção: Ana Achcar / **Texto:** Rosyane Trotta
Direção de arte: Sérgio Marimba / **Iluminação:** Wilson Santos / **Direção musical:** Eduardo Krieger / **Preparação corporal:** Andrea Jabor / **Programação visual:** Flávio Souza / **Fotografia:** William Santos / **Direção de produção:** Lucas Mansor / **Elenco:** Beatriz Sayad e Danielle Barros

Teatro da Reitoria – Rua XV de Novembro, 1.299
Dia 25 – 21h30 / Dia 26 – 20h

Caesar

O projeto Caesar é uma co-produção de companhias de teatro da Croácia, da Eslovênia e da Macedônia, a primeira tentativa desse gênero para reunir a diversidade cultural e a energia criativa desses três povos desde a fragmentação da Iugoslávia.

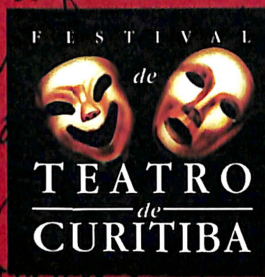
Um diretor croata, um cenógrafo esloveno, um figurinista macedônio e atores de todos os países se uniram para apresentar este espetáculo, primeiramente inspirado em Júlio César, de William Shakespeare. A produção também é inspirada em idéias do romance Business Mr. Julius Caesar, de Bertolt Brecht, e em vários outros textos dramáticos e poéticos de autores eslovenos e macedônios.

Na criação deste espetáculo, Branco Brezovec, o diretor croata de maior renome internacional, apresenta fantástico simbolismo visual, coreografia expressiva e música original da banda macedônia Synthesis. Brezovec tem persistentemente desenvolvido seu conceito de multiculturalismo vertical ao longo dos últimos dez anos e continua esse tema em Caesar.

Direção: Branko Brezovec / **Cenografia:** Marko Japelj / **Figurino:** Robert Gligorov / **Música:** D.D. Synthesis / **Coreografia:** Jasna Frankic-Brkljacic / **Produção:** Vanko Bogoev / **Produtores executivos:** Darko Putak e Goce Dimovski / **Elenco:** Niko Gorsic (Caesar); Galliano Pahor (Brutus); Krste Jovanovski (Marcus Antonius); Sefedin Nuredini (Cassius); Petar Mircevski (Casca); Goran Illic (Ciceron); Olga Grad (Cleópatra); Nina Violic (Portia) / **Textos:** W. Shakespeare, Bertolt Brecht, Slavko Grum, Georgievski, B. Garvanlieva

Teatro da Reitoria – Rua XV de Novembro, 1.299 – Centro
Dia 17 – 21h30 / Dia 18 – 20h e 22h30





Patrocínio:



Fale com a líder. Fale com a TIM.